

A REPRESENTAÇÃO DO SURDO NO MANGÁ KOE NO KATACHI

Abilio Pachêco de Souza (UNIFESSPA)¹
Leila Saraiva Mota (UFPA)²
Vanessa Taumaturgo-Silva (UNIFESSPA)³

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo analisar as representações do surdo e da língua de sinais na obra *Koe no Katachi*, de Yoshitoki Oima. Através da leitura do mangá buscamos evidenciar como o surdo é visto na sociedade japonesa e como se dá a inserção da Língua de Sinais Japonesa (LSJ) nos quadrinhos. Para tanto, foram realizadas pesquisas bibliográficas em obras de ambos campos tratados: da pessoa surda, sua cultura, representações e educação; e da linguagem dos quadrinhos. Com a pesquisa foi possível perceber que, mesmo que tenha sido retratado na obra o personagem surdo e protagonista da narrativa, isso não lhe possibilitou de pôr-se à frente para narrar-se; também, que no que tange a linguagem dos quadrinhos, não há empecilho para a elaboração de tal linguagem que não possa abarcar também as línguas de sinais.

Palavras-chave: Surdos. Koe no katachi. Representatividade. Histórias em quadrinhos. Mangás.

THE REPRESENTATION OF THE DEAF IN THE MANGA 'KOE NO KATACHI

ABSTRACT

This research aims to analyze the representations of the deaf and sign language in the manga *Koe no Katachi*, by Yoshitoki Oima. Through the reading of the manga we seek to highlight how the deaf is seen in Japanese society, how is the insertion of Japanese Sign Language (JLS) in comics. For this, we conducted a literature search in books on both areas: the deaf person, their culture, representations and education, and the language of comics. With the research it was possible to realize that although a deaf character has been portrayed in comics, even as the protagonist, this did not give him a place, did not put him in front to narrate; also, that with regard to the language of comics, there is no obstacle to the elaboration of such a language that cannot also include sign languages.

Keywords: Deaf. Koe no katachi. Representativeness. Comics. Manga.

Data de submissão: 08.05.2023

Data de aprovação: 14.11.2023

INTRODUÇÃO

Sabe-se que atualmente a inserção dos surdos nos diversos âmbitos da sociedade ainda não é completa, há uma falta de comunicação decorrente da não apreensão da língua de sinais como segunda, ou mesmo terceira língua por parte da maioria dos ouvintes. Assim, por mais que a inclusão seja almejada, ela ainda não consegue abarcar todos os ambientes em que estas pessoas poderiam estar inseridas. Tendo em vista a inserção e a participação dos surdos, cabe também pensar em como eles e a língua de sinais são representados nas diversas obras, sejam elas literárias, cinematográficas ou quaisquer outras, como as histórias em quadrinhos. De que

¹ Doutor em Teoria Literária e História da Literatura, docente na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. E-mail: abiliopacheco@unifesspa.edu.br

² Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura (PPGLIT), docente na Universidade Federal do Pará. E-mail: profleilamotta@gmail.com

³ Graduanda em Letras Português pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. E-mail: vanessataumaturgo@unifesspa.edu.br

forma esses personagens são representados? Seria possível a inserção da língua de sinais nos quadrinhos? Quais os recursos empregados por essa linguagem, dos quadrinhos, para apresentar a língua de sinais? Perguntas como estas norteiam a presente pesquisa.

O *corpus* deste artigo é composto pelo mangá *Koe no katachi*, de autoria da mangaká⁴ Yoshitoki Oima, e apoiado pela Federação Japonesa de Surdos. No Japão o mangá foi publicado pela *Weekly Shonen Magazine* no período de 2013 a 2014, possuindo um total de 7 volumes. Devido ao sucesso da obra, em 2016 a história ganhou também uma versão cinematográfica e atualmente está disponível em canais de *streaming*. A versão aqui utilizada foi a publicada pela editora *Kodansha comics* entre os anos de 2015 e 2016 e tem por título *A silent voice*. *Koe no katachi* se inicia com o reencontro de Ishida Shouya e Nishimiya Shoko, dois antigos colegas do fundamental, sendo que, no passado, o garoto havia praticado *bullying* contra Nishimiya por ela ser surda. Então, no tempo presente do mangá, Ishida busca, de alguma forma, mudar a relação dos dois enquanto tenta se desculpar por todos os erros cometidos.

A busca pelas respostas das questões mais anteriormente postas foi através de pesquisas bibliográficas. Para embasá-las utilizamos tanto textos que abordam os surdos, ouvintismo e a Língua de Sinais Japonesa quanto obras que apresentam a linguagem dos quadrinhos. Assim, este artigo pretende analisar, além da percepção que se tem em relação à personagem surda, como a Língua de Sinais Japonesa é apresentada no mangá e quais os recursos utilizados nas histórias em quadrinhos para fazer com que ela tenha a funcionalidade necessária das línguas de sinais. Com isso, o trabalho se divide em quatro tópicos: 1. Breve traçado histórico acerca da Língua de Sinais Japonesa; 2. Perspectiva; 3. Problemas gerados pelo *bullying*; 4. Representação da Língua de Sinais Japonesa.

1 BREVE TRAÇADO HISTÓRICO ACERCA DA LÍNGUA DE SINAIS JAPONESA

Ao longo da história os surdos foram vistos de diversas formas,

Na Idade Antiga os surdos eram adorados no Egito e na Pérsia, pois se acreditava que eles se comunicavam com os deuses, mas na Grécia e em Roma, eles eram assassinados e os que escapavam eram escravizados. Na Idade Média, eram tidos como objeto de curiosidade, como seres estranhos. Não podiam participar dos sacramentos religiosos, não tinham direito de casar, de receber herança, etc. Alguns eram assassinados pelas próprias famílias (INSTITUTO FEDERAL DA PARAÍBA, 2021).

A maior visão, e também uma das mais propagadas, é a de que essas pessoas são incompletas e falhas, que não possuem razão e, por isso, não têm capacidade para aprender. E, infelizmente, essa visão ainda hoje existe no que se refere ao olhar sobre os surdos. Dessa forma, como na maior parte das sociedades, o Japão também possui sua carga de preconceito com relação a essas pessoas, sendo que durante muitos anos as crianças surdas eram mantidas em casa por suas famílias, comunicando-se apenas com estas e sendo privadas do convívio com a sociedade.

Entretanto, com o avanço da sociedade japonesa, logo surgiram pessoas dispostas a lutar pelo direito à educação dos surdos. Com isso, em Kyoto, no ano de 1878 foi criada a primeira escola para surdos no Japão e, mais tarde, em 1880, na cidade de Tokyo, (NUNES, 2018, p. 68). Com o passar dos anos, os ex-alunos dessas escolas fundaram associações para apoiar a comunidade surda. É dessa forma que, em 1916, surge a Associação Japonesa de Surdos, tendo seu fim no penúltimo ano da Segunda Guerra Mundial.

⁴ Termo utilizado para se referir a cartunistas no Japão.

Então, em 1948, quatro anos após o fim da Associação Japonesa de Surdos, foi criada a Federação Japonesa de Surdos que, desde sua fundação, luta pelos direitos dos surdos como, por exemplo, pela participação de atos jurídicos ou mesmo permissão para dirigir. Até o ano de fundação da federação, crianças surdas não tinham obrigação de ir à escola para receber educação formal e, mesmo com diversas lutas por parte da organização e também dos pais dessas crianças, ainda em 2003, o Japão, influenciado pelas ideias propagadas pelo Congresso de Milão ocorrido no ano de 1880, continuou a fundamentar a educação para os surdos no oralismo e no ensino posterior da *Nihon Shuwa* (LSJ) – como é chamada a Língua de Sinais Japonesa, sendo que, dessa forma, a LSJ seria a segunda língua dos surdos, não a primeira.

Segundo Nunes (2018) a primeira vez que a língua de sinais apareceu na lei japonesa foi em 5 de agosto de 2011, numa revisão da Lei sobre pessoas com deficiência: Ato Nº. 84, artigo 3, inciso III, de 21 de maio de 1970, Ato este atualizado em 29 de julho de 2011 e que dizia:

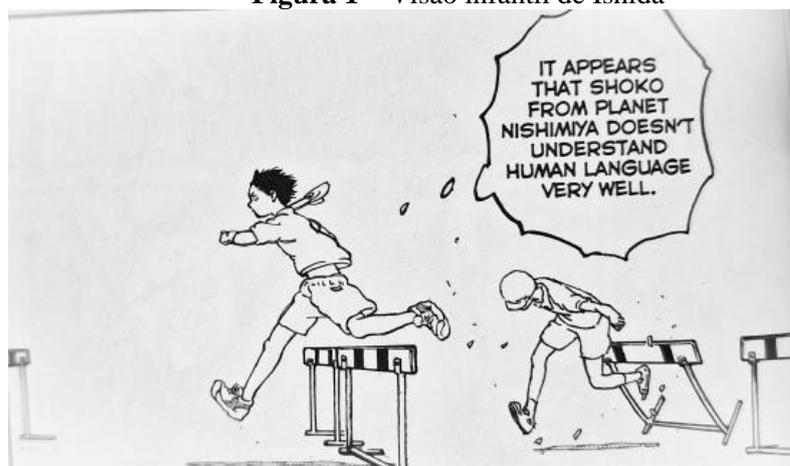
São garantidas a todas as pessoas com deficiência a oportunidade, na medida do possível, de escolher a sua língua (incluindo a língua de sinais) e outros meios de comunicação para a compreensão mútua; e as oportunidades para eles escolherem os meios de aquisição ou uso de informações que serão expandidas (BASIC ACT FOR PERSONS WITH DISABILITIES, 2011 apud NUNES, 2018, p. 70)

Com isso, pode-se perceber como as práticas oralistas ainda permeiam as sociedades e fazem parte do ensino de surdos ao redor do mundo, influenciando na sua educação e no modo como aprendem a se comunicar, seja pela língua de natureza oral-auditiva ou pela de natureza visual-motora.

2 PERSPECTIVA

A perspectiva é um traço muito importante das narrativas, através dela pode-se observar como as personagens são representadas e como se projetam na mente de outras personagens. Nos quadrinhos não é diferente, contudo, o que se tem são duas significações em relação à perspectiva, sendo que a primeira, como já dito, retrata o ponto de vista de quem observa, atribuindo ideologias e preconceitos; já a segunda significação se refere a um recurso gráfico utilizado para representar os diversos objetos presentes no desenho, empregando figuras tridimensionais para gerar a ilusão de espessura, profundidade, dimensão, aspecto etc. Tendo posto isso, o primeiro conceito será utilizado neste primeiro momento para abordar os diversos pontos de vista das personagens do mangá com relação à Nishimiya, pois, segundo Vergueiro e Chinen (2015, p. 86), “As histórias em quadrinhos retratam a sociedade em que são produzidas, apresentando e disseminando a visão da classe dominante [...]”. Com isso, buscamos evidenciar a visão que se tem pela sociedade japonesa em relação aos surdos.

Sob o olhar de Ishida, o também protagonista, Nishimiya é um ser que ele não consegue compreender. De acordo com seu pensamento infantil, Shoko veio de outro planeta e por isso não entende a “linguagem humana”. O personagem é mostrado e retratado como alguém muito bagunceiro e que faz de tudo para não ficar entediado, então, quando Shōko Nishimiya é transferida para sua escola e sala, nesse momento inicia o *bullying*, não apenas por não conseguir se comunicar, mas como uma forma de “sair do tédio”. Entretanto, sua versão adolescente, que compreende seus erros, que passou pela experiência de sofrer também *bullying* e já conhecedora da língua de sinais, vê Nishimiya como uma garota comum, alguém com quem se pode conversar e conviver. Os quadros abaixo ilustram essas duas visões do protagonista em relação à personagem:

Figura 1 – Visão infantil de Ishida⁵

Fonte: *A silent voice*, 2015.

Figura 2 – Visão adolescente de Ishida⁶

Fonte: *A silent voice*, 2015.

Com relação aos colegas de turma do fundamental, alguns possuem o mesmo ponto de vista de Ishida; outros se deixam influenciar por ele, assim, ou praticam *bullying* juntos, machucando Shōko Nishimiya, quebrando suas coisas, maltratando-a, ou apenas se afastam e se mantêm impassíveis para o que acontece. Ainda, possuem firmes convicções de que Nishimiya utiliza a surdez como uma estratégia, um modo de ser vista como “boazinha”.

No âmbito educacional, o professor não se dispõe para aprender a Língua de Sinais Japonesa quando o assunto é levado à sala e, com isso, influencia toda a turma a também não aprender sinais básicos para a comunicação com a personagem. Além disso, quando é iniciado o *bullying*, o educador se mantém impassível para o que acontece com a Shōko Nishimiya. Por conta de sua omissão quanto aos acontecimentos, logo os alunos compreenderam que o professor também se sentia confortável em ter Nishimiya em sala e, com isso, continuaram a atormentá-la.

Já seus familiares têm visões, de certa forma, opostas no que se refere à personagem. A mãe, por exemplo, é firme com Nishimiya, pois quer que a filha seja forte ao enfrentar as pessoas, os preconceitos, a não aceitação. Dessa forma, mesmo quando Shōko Nishimiya está sofrendo *bullying*, Yaeko espera até que seja quase insuportável ignorá-lo para então tomar uma atitude, já que ela espera que isso, de alguma forma, sirva de lição para que Nishimiya apresente alguma reação frente aos *bullies*. Já sua irmã, Yuzuru, desde cedo sente que deve protegê-la, e o faz, ainda que seja mais nova, além disso, diferente do que é mostrado da mãe

⁵ Tradução nossa: “Parece que a Shoko, do planeta Nishimiya, não consegue entender a linguagem humana muito bem”

⁶ Tradução nossa: “Eu costumava odiar a Nishimiya Shoko Nishimiya... Mas agora nós estamos aqui tendo uma conversa normal?”

de ambas, sabe a língua de sinais, bem como a avó das personagens, que sempre esteve presente na vida das netas e da filha e foi a responsável de levar as meninas para aprender a língua de sinais japonesa.

Figura 3 – Irmã de Shoko⁷



Fonte: *A silent voice*, 2015.

Portanto, no decorrer de, praticamente, toda a história há apenas a narração e visão através do personagem ouvinte, não se pode saber o que se passa na mente de Nishimiya; mesmo os seus sentimentos são expostos não através dela, mas por meio de memórias e análises de outras personagens e, devido a isso, não por completo. Apenas no capítulo 51 o ponto de vista é de Nishimiya, entretanto, é mais como um pensamento, uma imaginação sobre como poderia ter sido sua vida se ela fosse ouvinte, se ela pudesse se comunicar inteiramente através de sua fala.

Figura 4 – Pensamentos de Shoko⁸



Fonte: *A silent voice*, 2016.

Percebemos, com isso, que não há uma narração direta da personagem sobre si, mas sim, que os ouvintes é que a narram através de seus pontos de vista, atribuindo a ela significados que ela mesma não chega a se atribuir, ou que não o faz diretamente. Com isso, fica claro o silenciamento da personagem, pois, ainda que seja protagonista, ainda que seja representada em praticamente todos os capítulos do mangá, em nenhum momento é possível ver e entender, através dela, como ela lida com todos os acontecimentos de sua vida. A autora,

⁷ Tradução nossa: “Eu não vou perdoar quem machucar a minha irmã!”

⁸ Tradução nossa: balão 1: “Essa música é boa, não é?”; balão 2: “Boa noite, irmã!”; balão 3: “Boa noite!”.

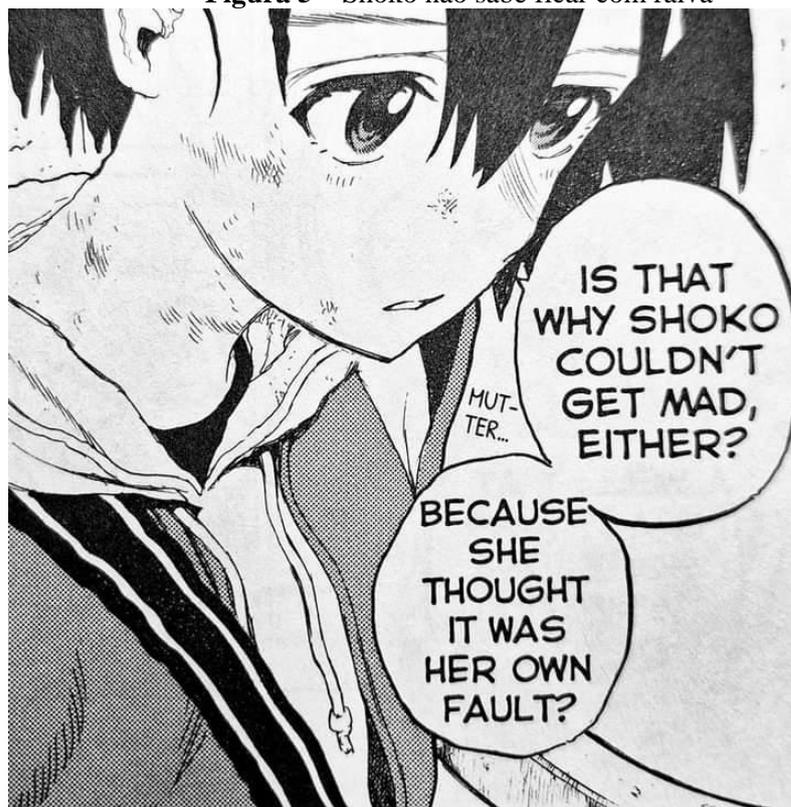
talvez por perceber que, mesmo conhecendo a comunidade surda, já que sua mãe é intérprete da LSJ, não conseguiria abordar com maestria os pensamentos da personagem, acabou, sem querer, deixando-a no silêncio.

3 PROBLEMAS GERADOS PELO *BULLYING*

De acordo com Teixeira (2016, p. 153), “Desde muito cedo, o surdo tem que lidar com a dinâmica de ser aceito na sociedade dos ouvintes” e com Nishimiya isso não foi diferente. Seu pai e avós paternos, por exemplo, a abandonaram ao descobrirem que ela não podia escutar, aos três anos de idade. Esses preconceitos vão segui-la por todo o seu desenvolvimento, desde o primário ao fundamental, até que sua mãe a transfere para outra escola e, apesar de não ser narrada sua socialização nessa nova escola, descobrimos, no decorrer da história, que Nishimiya fez boas amizades.

Entretanto, por tudo o que sofreu desde a infância e por compreender que o que ocorria girava em torno da surdez, Nishimiya é uma garota que não demonstra muito seus sentimentos. Não pelo menos no que se refere a sentimentos como raiva ou tristeza. Assim, mesmo para os familiares, Shoko é, de certa forma, apática, guardando sempre suas angústias para si.

Figura 5 – Shoko não sabe ficar com raiva⁹



Fonte: *A silent voice*, 2015.

Quanto ao *bullying* sofrido, Nishimiya vê como uma consequência da surdez. Assim, ao sofrer agressões e/ou ofensas, põe um sorriso no rosto e busca ignorar o que lhe fizeram o máximo que pode, pois encara todos os problemas que lhe ocorrem como sua culpa. Com isso, sente-se sempre inferior em relação aos colegas e às pessoas que estão à sua volta, por não conseguir ouvi-las ou se comunicar por meio de palavras. Apesar disso, no decorrer da

⁹ Tradução nossa: “É por isso que a Shoko não ficava brava? Porque ela achava que era tudo sua culpa?”.

narrativa Shoko consegue desenvolver e demonstrar mais suas emoções. Entretanto, isso não a impede de tentar o suicídio, uma vez que, após uma briga entre seus antigos colegas, ela novamente se enxerga como a origem dos problemas do grupo.

Cada uma das observações trazidas aqui aconteceram em decorrência do ouvintismo que, segundo Skliar (1998 apud Skliar, 1999), “sugere uma forma particular e específica de colonização dos ouvintes sobre os surdos. Supõem representações, práticas de significação, dispositivos pedagógicos, etc., onde os surdos são vistos como sujeitos inferiores, primitivos e incompletos.”. Essas práticas ouvintistas refletem significativamente sobre a vida da personagem, por exemplo, o fato de sua mãe não se comunicar com a filha através da língua de sinais e utilizar apenas a fala, o que é gerado a partir dos preconceitos estabelecidos socialmente e que se pautam na oralização para a comunicação com os surdos. Assim, com a tentativa de normatização da personagem, com as cobranças para que pertença a um grupo do qual não faz parte, o ouvinte, e pela proibição da LSJ, feita pela mãe em determinados momentos, é que Nishimiya sente-se inferior, incapaz e a causa dos males para aqueles que a rodeiam.

Figura 6 – Proibição da Língua de Sinais Japonesa¹⁰



Fonte: *A silent voice*, 2015.

Além disso, pouco é representado sobre a cultura surda e a comunidade surda, mesmo outras personagens surdas são apenas mencionadas na obra, mas nunca postas frente a frente em uma conversa surdo-surdo. Assim, o convívio com pessoas ouvintes e o preconceito praticado por algumas delas também fazem com que Shoko se imagine ouvinte, que se culpe, que se ache falha em comparação com aqueles que podem ouvir. Dessa forma, reiterando a questão da normalidade e pondo o ouvinte como o ser que possui essa característica, como um modelo, como o padrão.

¹⁰ Tradução nossa: balão 1: “Está muito duro? É melhor assim, não é?”; balão 2: “Eu como qualquer coisa.”; balão 3: “Não usem a língua de sinais na mesa.”; balão 4: “É inapropriado.”.

4 REPRESENTAÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS JAPONESA

Como nas várias línguas de sinais, os quadrinhos também se utilizam da expressão corporal e facial, da postura etc. para dar sentido ao que é dito verbalmente ou não. É a partir desta semelhança entre ambos que será analisada a *Nihon Shuwa* no mangá.

Ainda que a personagem surda apareça na maioria dos capítulos, a Língua de Sinais Japonesa não toma muito foco, apenas em determinadas cenas ela é claramente desenvolvida. Nestas, a autora se utiliza de várias técnicas para representar seu movimento, velocidade, tempo de execução e expressões que a acompanham.

No que se refere a movimento, os quadrinhos possuem o que Vergueiro (2020) chama de figuras cinéticas, que conferem à imagem estática a ilusão de mobilidade. Em geral, essa sensação de movimentação é transmitida através de linhas que indicam um espaço percorrido, vibração ou impacto, contudo, Yoshitoki não faz uso de linhas cinéticas para assinalar a trajetória do movimento, assim, muitas vezes não é possível saber a origem dele nem seu fim ou mesmo sua velocidade.

Figura 7 – Sem linhas cinéticas



Fonte: *A silent voice*, 2016.

Entretanto, ainda que não haja linhas cinéticas, a autora utiliza várias proporções, dimensões, além de uma sequência de movimentos feitos a um só tempo pelos braços e mãos das personagens para imprimir a ideia de movimentação. Além disso, mesmo que não tenha um tempo indicado precisamente através de objetos ou das personagens, ele é demarcado pelo contexto, como pode ser observado na imagem da figura 8:

Figura 8 – Shoko briga com a irmã

Fonte: *A silent voice*, 2015.

Percebemos, na figura 8, que por conta do contexto de conversa das irmãs - Nishimiya estava chateada e brigando com Yuzuru -, os sinais feitos por ela foram rápidos, como acontece nas conversas do dia-a-dia. Também, embora não haja linha cinética demonstrando origem, percurso e fim de movimento, o último quadro indica o fim da trajetória da sinalização da protagonista – próximo ao rosto da irmã – e, com isso, podemos chegar também a uma origem, ou possível origem, já que não há uma determinação exata de qual foi o primeiro movimento. Assim, o primeiro sinal pode ter sido iniciado pelas mãos próximo ao corpo de Nishimiya com dedos curvados tocando o peito ou aquele no qual suas mãos estão com os dedos levemente curvados para baixo. Além disso, para representar, em outras cenas, a origem do movimento e seu fim, Yoshitoki apresenta a língua de sinais dividida em vários quadros, assim, o leitor consegue compreender de onde o sinal começa, como é seu desenvolvimento e, então, seu fim.

Figura 9 – Sinais em diferentes quadros

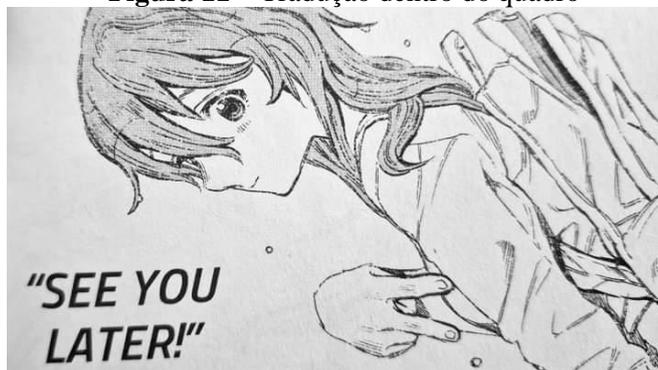
Fonte: *A silent voice*, 2015.

Além dessas, outra forma que Yoshitoki utiliza para gerar movimento e sentido de origem e fim da sinalização é através da sobreposição de traços do desenho. Por meio dessa sobreposição a autora indica ao leitor qual foi o primeiro sinal e também o último. Isso se deve ao fato de que alguns traços que estão sobrepostos ganham o sentido de ação passada, logo, aqueles que estão sobre estes representam as ações que se seguem após sua realização.

Figura 10 – Sobreposição de traços

Fonte: *A silent voice*, 2016.

Outro ponto muito presente nas histórias em quadrinhos, mas que a autora resolveu desenvolver de forma diferente, é o uso dos balões de fala e das fontes. Nos quadrinhos geralmente ocorre uma diferenciação de balões ou fontes quando o personagem está se comunicando em outra língua, o que não ocorre com Shoko. Não há nenhum balão que apresente e/ou que seja usado apenas para traduzir o que a personagem sinaliza, seus sinais ou são traduzidos pelas falas de outras personagens ou são escritos dentro do quadrinho, este último caso ocorrendo pouquíssimas vezes durante a narrativa. Em decorrência disso, não é possível compreender o que Nishimiya sinaliza a não ser que haja um ouvinte atuando como interventor entre o leitor e a personagem, o que de certa forma, causa um distanciamento entre ambos.

Figura 11 – Tradução dentro do quadro¹¹

Fonte: *A silent voice*, 2015.

¹¹ Tradução nossa: “Até mais!”

Talvez pelo fato da língua da personagem não utilizar a oralidade, no que se refere ao uso da voz, a autora tenha escolhido trazer desta forma a Língua de Sinais Japonesa, pois, segundo Eisner (2010, p. 24) “O balão é um recurso extremo. Ele tenta captar e tornar visível um elemento etéreo: o som”. Assim, enquanto Nishimiya utiliza apenas a *Nihon Shuwa* para se comunicar, nenhum balão surge para acompanhar sua fala já que seus sinais não transmitem nenhum som, contudo, quando faz uso da linguagem verbal para se comunicar, o recurso de representação da fala sonora é posto, como pode ser observado no quadro abaixo:

Figura 12 – Shoko lendo



Fonte: *A silent voice*, 2015.

Tendo posto isso, fica claro que a linguagem dos quadrinhos foi excepcional em representar a língua de sinais japonesa, pois, embora possua imagens estáticas, os recursos que podem ser utilizados para causar cinestesia são diversos. Contudo, vale ainda pensar em como esses personagens podem ser melhor aproximados do leitor, sem a necessidade de intervenção do personagem surdo - personagem ouvinte - leitor.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do que foi elucidado e posto, foi possível perceber que as lutas pelos direitos dos surdos não são apenas atuais, pois já constam de vários anos. Além disso, evidenciou também como o preconceito enraizado na sociedade em conjunto com práticas ouvintistas influenciam na vida social/educacional dos surdos. E, para além disso, como essas questões afetam direta ou indiretamente na forma como o surdo se percebe e se concebe no mundo.

Já no que tange a representação da Língua de Sinais Japonesa por meio da linguagem dos quadrinhos, ficou claro que esta tem capacidade para apresentar funcionalmente a *Nihon Shuwa* através de seus muitos recursos. Por fim, por meio do que foi explanado acerca da luta pelos direitos dos surdos no Japão e da leitura e análise da obra, tanto em relação aos personagens e suas visões quanto à sua estrutura no que tange a representação da Língua de Sinais Japonesa, observamos que ainda há muito a ser feito para que a comunidade surda não

sofra em decorrência do ouvintismo enraizado socialmente e, também, para que exerça plenamente seus direitos na sociedade.

REFERÊNCIAS

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**: princípios e práticas do lendário cartunista. Tradução: Luís Carlos Borges. 4 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

LAGES, Mary. Surdismo *versus* Ouvintismo: práticas colonizadoras veladas pelo discurso. *In*: SOUZA, Maria; BORGES, Thiago. **Literatura e Cultura**: ensaios críticos. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2019. p. 15-24. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=wZfBDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA15&dq=Surdismo+versus+Ouvintismo:+pr%C3%A1ticas+colonizadoras+veladas+pelo+discurso&ots=7mYBUIMzf0&sig=ZIONQJ3y6QJ3ka3axdkj9aF3ZN8#v=onepage&q=Surdismo%20versus%20Ouvintismo%3A%20pr%C3%A1ticas%20colonizadoras%20veladas%20pelo%20discurso&f=false>. Acesso em: 7 jul. 2022.

NUNES, Valéria. **Corporificação e Iconicidade Cognitiva**: um estudo sobre verbos em línguas de sinais. Tese (Doutorado em linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 153, 2018. Disponível em: <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/handle/1/6195>. Acesso em: 8 jul. 2022.

RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro (org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2020.

SKLIAR, Carlos. A escola para surdos e suas metas: repensando o currículo numa perspectiva bilíngue e multicultural. **Cadernos da educação**, Pelotas, n. 12, p. 21-34, jan./jul. 1999. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/caduc/article/view/6589/4560>. Acesso em: 8 jul. 2022.

TEIXEIRA, Keila. Ressonâncias da inclusão: a surdez como diferença – possibilidade(s) de mudança no contexto inclusivo. **Revista Espaço**, Rio de Janeiro, n. 46, p. 145-158, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://seer.ines.gov.br/index.php/revista-espaco/article/download/1263/1248>. Acesso em: 10 jul. 2022.

Trajetória das pessoas surdas: pessoas que ajudaram a escrever essa história. **Instituto Federal da Paraíba**, 2021. Disponível em: <https://www.ifpb.edu.br/assuntos/fique-por-dentro/trajetoria-das-pessoas-surdas-pessoas-que-ajudaram-a-escrever-essa-historia>. Acesso em: 07 jul. 2022.

VERGUEIRO, Waldomiro; CHINEN, Nobuyoshi. O negro nas histórias em quadrinhos: discutindo preconceito e resistências em sala de aula. *In*: NETO, Elydio; SILVA, Marta (org.). **Histórias em quadrinhos e práticas educativas, volume II**: os gibis estão na escola, e agora?. 1 ed. São Paulo: Criativo, 2015. p. 73-87.

YOSHITOKI, Oima. **A silent voice**. [s.l.]: Kodansha comics, 2015. v. 1.

YOSHITOKI, Oima. **A silent voice**. [s.l.]: Kodansha comics, 2015. v. 2.

YOSHITOKI, Oima. **A silent voice**. [s.l.]: Kodansha comics, 2015. v. 3.

YOSHITOKI, Oima. **A silent voice**. [s.l.]: Kodansha comics, 2015. v. 4.

YOSHITOKI, Oima. **A silent voice**. [s.l.]: Kodansha comics, 2016. v. 5.

YOSHITOKI, Oima. **A silent voice**. [s.l.]: Kodansha comics, 2016. v. 6.